

Quem conhece bem o Brasil, não está acreditando no que está vendo atualmente: este país que normalmente tem uma inflação muito alta, terá, este ano, uma desvalorização do dinheiro abaixo de três por cento apenas — a dois anos atrás ficou em pesados onze por cento. Há dois motivos para isso: pelo lado negativo, a forte recessão dos últimos 30 meses — e pelo lado positivo, uma colheita recorde que o país não obteve em muito tempo.

POR HILDEGRAD STAUSBERG

Assim, não surpreende que a presença dos brasileiros na última Feira Anuga, a maior feira de bebidas e alimentos do mundo e que é realizada sempre no início de outubro a cada dois anos em Colônia, na Alemanha, foi mesmo enorme. Foi também ali, que o ministro da agricultura do Brasil Blairo Maggi, o chamado “rei da soja da América Latina”, anunciou de forma autoconfiante: “A nossa agricultura está forte como nunca: ela é o motor decisivo para a nossa recuperação econômica”.

É uma opinião compartilhada por Gerald Böse: o chefe da Koelnmesse elogiou os impulsos na modernização experimentada atualmente na agricultura brasileira e que podem servir de base para um engajamento ainda maior de empresas alemãs que atuam neste setor, como também nos setores da indústria de embalagens e da infra-estrutura. Marcas conhecidas alemãs já estão anunciando novos investimentos, como por exemplo, a Mercedes-Benz, na área dos veículos comerciais. Sobretudo nos estados “européus” do sul percebe-se claramente uma nova onda de otimismo. Isso é bom para o 35º Encontro Econômico Brasil — Alemanha que este ano acontecerá em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

Será mesmo que o velho ditado “Deus é brasileiro” se mostrará certo mais uma vez? Ele reflete a filosofia destrutível do quinto maior país do mundo que, em sua história repleta de crises, sempre fora capaz de “dar a volta por cima”. Mas vamos com calma: mesmo que um otimismo cauteloso em relação à situação econômica deste gigante da agricultura e de matéria-prima novamente pode ser apropriado, isto não é igualmente verdadeiro em relação à crise política.

Esta alcançou temporariamente o seu ponto máximo em meados do ano passado com a demissão da presidente socialista, Dilma Rousseff, e a posse do governo pelo seu vice, o conservador Michel Temer. A origem destes acontecimentos dramáticos foram as revelações de corrupção no chamado “esquema lava-jato”, que não só levou quase toda a classe política à suspeita de corrupção como também à condenação pelos crimes. Sérgio Moro, o juiz responsável por esses processos, se tornou um ídolo para os brasileiros que querem um sistema judicial mais justo.

Não é de se estranhar que a maioria esmagadora dos brasileiros já não tem mais nenhuma confiança em seus políticos, como revelou há pouco uma pesquisa realizada no Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça: entre todos os 137 países pesquisados, o Brasil se encontra em último lugar. Ao mesmo tempo, também se mostrou que a grande maioria dos entrevistados aponta a corrupção, profundamente enraizada no país, assim como um sistema tributário excessivo, como o maior obstáculo para o crescimento do Brasil e a sua competitividade no mercado mundial.

Como, então, se apresenta o balanço do governo Temer depois de um ano na presidência? Quais são as perspectivas do Brasil?

Desde o início, a equipe do governo Temer se definiu como um governo de transição — de especialistas que vieram para consertar, principalmente, falhas estruturais e erros cometidos no passado. No que se refere à inflação, surpreendentemente, conseguiram-se bons resultados rapidamente, mas o déficit no orçamento ainda é preocupante. De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil está se tornando um país altamente endividado: atualmente, o endividamento do Brasil corresponde a quase 85% em relação ao PIB (Produto Interno Bruto).

O foco de todos os esforços reformatórios é o sistema previdenciário, ultrapassado e de demasiados privilégios. A maioria dos brasileiros conhece centenas de exemplos absurdos disso que sobrecarregam o orçamento estatal. Mas esta reforma está sendo adiada há décadas: que o próximo governo eleito resolva isso. Em sua conversa com o WELT, o ministro da Agricultura, Maggi,



O carnaval do Rio, um dos maiores destaques positivos do Brasil, seria impensável sem a sua música: o samba comemora neste ano o seu centésimo aniversário

Em busca de novos **IMPULSOS**

Ainda falta renovação política, mas após uma forte recessão, o Brasil está novamente no rumo certo. Pelo menos na economia. Especialmente no sul do país, o clima é de otimismo e muitas empresas alemãs estão dispostas a investir

por sua vez, reafirmou a necessidade de uma reforma abrangente nas aposentadorias: “Sem ela, todas as mudanças no Brasil ficarão incompletas”, diz.

No entanto, o sistema partidário do Brasil — com poucos partidos grandes e muitos partidos pequenos — não facilita a busca por uma solução do problema. Hoje em dia, é de se lamentar que o ex-presidente socialista popular, Luiz Inácio Lula da Silva, não tenha usado o enorme apoio de grande parte da sociedade para realizar as reformas estruturais necessárias, durante sua gestão de 2003 a 2011.

Em vez disso, preferiu ser festejado por programas governamentais envolvendo projetos sociais e por uma onda de consumo nos setores público e privado. Dilma Rousseff, que havia sido escolhida por ele como sua sucessora, continuou esse curso, mesmo que, pelo resfriamento da economia internacional acompanhada de uma forte queda nos preços das matérias-primas, uma mudança na política parecia indispensável.

O governo Temer iniciou as primeiras mudanças no sistema previdenciário in-

crustado e conseguiu uma flexibilização da rígida legislação trabalhista, uma herança da época da ditadura de Getúlio Vargas. No campo da política externa, o apoio à Venezuela chavista foi abandonada e, finalmente, concentra-se na conclusão bem sucedida das negociações de um tratado de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia. Enquanto o governo em Berlim está expressamente a favor, é o governo de Paris que atualmente representa o maior obstáculo para a realização deste tratado.

O escândalo das propinas pagas pelos irmãos Batista prejudicou muito a imagem de Temer. Eles são os proprietários da JBS, a maior empresa de carnes do mundo. As acusações de suspeita de corrupção e de obstrução da Justiça contra ele e muito de seus ministros fizeram cair a taxa de sua aprovação para abaixo de 5%. Será que Michel Temer ainda tem força de melhorar o seu país para as eleições presidenciais em outubro de 2018? Ele mesmo não quer concorrer. Já o seu ministro da Fazenda, Henrique Meirelles (72) que foi, durante oito anos e no tempo do governo de Lula, presidente do Banco Central e um reformista importante no gabinete, gostaria de se tornar presidente. Assim como Lula, de 72 anos, que ainda pode contar com o apoio de uma grande parte da sociedade, conforme apontam as pesquisas. No entanto, ainda está incerto, se ele poderá participar das eleições por causa dos processos e das condenações contra ele.

Existirá uma “alma iluminada”, ou haveria, pelo menos, algumas pessoas ainda não desgastadas nem envolvidas em escândalos? Um candidato provável é o empresário de mídia João Dória, o novo prefeito de São Paulo. Algumas pessoas veem em Jair Messias Bolsonaro, um político da extrema-direita que por várias vezes já se fez notar internacionalmente por declarações politicamente incorretas, um novo “salvador da pátria”. Outros ainda acreditam numa candidatura surpresa de Joaquim Barbosa, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) e adversário de Lula.

Até pouco tempo, havia também Eduardo Paes, até o ano passado prefeito do Rio de Janeiro, figurando como candidato à presidência. Muito antes da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos no Rio em 2016, ele alertou que o país poderia se sobrecarregar com a realização desses eventos. Mesmo assim, ele os apoiou. Infelizmente, as suas preocupações anteriores agora estão se confirmando: os eventos louvados por Lula como uma “reviravolta” da imagem do Brasil no mundo, se transformaram, em um problema para muitas cidades, ao invés de um enriquecimento. Se isso também será o caso do Rio, o tempo dirá.



CONTEÚDO

2 A Alemanha faz falta

Roberto Jaguaribe, presidente da Apex-Brasil, fala sobre conjuntura favorável, energias renováveis, a China e a Alemanha.

3 Quem escolpiu a pedra?

Um disco de pedra encontrado no Piauí pode estar prestes a reescrever a história da colonização na América.

4 Lápis de cor e biogás

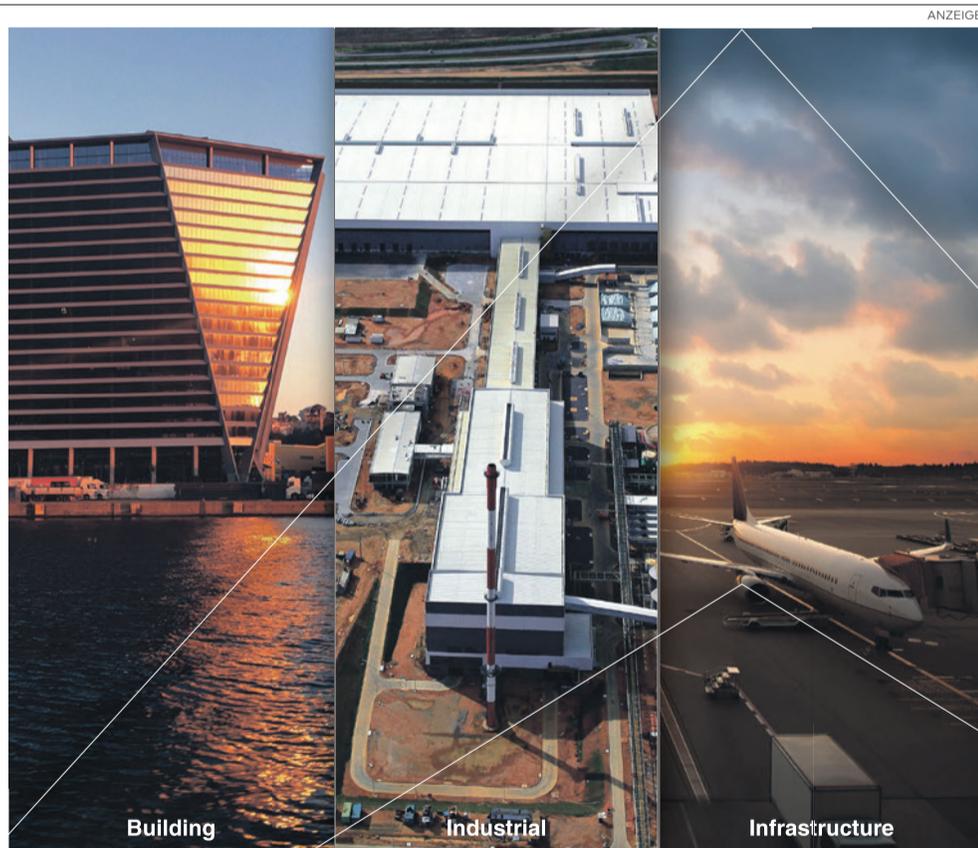
Cerca de 1600 empresas alemãs atuam no Brasil. A maioria delas em São Paulo e seus arredores. Um trio merece destaque nesta edição.

5 Um porto de gente alegre

Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul, é muito diferente do Brasil das agências de viagem.

6 100 anos de Samba

Sem samba não há carnaval no Rio: o ano em que o mais brasileiro de todos os estilos musicais festeja o seu centésimo aniversário.



Building

Industrial

Infrastructure

For more than 50 years your partner for construction projects in Brazil.



Member of  ZECH GROUP

www.htb-eng.br

www.zech-group.com

DIE WELT: Senhor Jaguaribe, como o senhor descreveria a situação econômica atual do Brasil?

ROBERTO JAGUARIBE: Tivemos uma recessão pesada, mas estamos em vias de superá-la. O congresso tomou decisões importantes que irão ajudar o Brasil a retomar um rumo positivo. O presidente Temer não está muito popular, mas é importante que medidas decisivas possam ser tomadas em tempos de fragilidade política e econômica.

POR JOCHEN CLEMENS

Que medidas são essas?

Há tantas que devem primeiramente ser divididas em duas categorias, as macro e as microeconômicas. As primeiras têm a ver com a estabilidade econômica e referem-se principalmente à inflação e ao direito tributário. As medidas microeconômicas tratam, entre outras coisas, da maneira de gerenciamento das empresas estatais no futuro. O nosso sistema de concessões foi alterado para facilitar e promover os investimentos estrangeiros. Isto abrange todo o setor da infra-estrutura, como transporte, ferrovias, portos fluviais e aéreos. Os processos de licitação para projetos foram liberados e as condições agora ficaram muito mais fáceis e também mais transparentes. Aconteceram, portanto, muitas mudanças fundamentais em apenas alguns meses, mas mesmo assim, ainda temos muito trabalho pela frente.

Por exemplo?

Precisamos facilitar os investimentos estrangeiros. Para isso, precisamos de mudanças nas leis em relação à produção de petróleo e gás. Também há muito a fazer no setor da previdência social e o sistema pensionista necessita de reformas urgentes, porque o nível das aposentadorias supera em muito as possibilidades financeiras do governo.

O Brasil tem um problema com a sua imagem no exterior, causado particularmente pela instabilidade política em relação à corrupção. Por que o país continuaria sendo uma boa opção para os investidores?

É claro que os problemas estão visíveis. Mas eu acredito no seguinte: Pouca gente está realmente surpresa que existam esses problemas de corrupção, mas sim com o fato de o Brasil provar ser muito robusto e que a economia está se mostrando capaz de superar uma situação difícil. A corrupção é um problema mundial, mas a extensão dela no Brasil é realmente grande. Felizmente, temos instituições judiciais e investigativas independentes que não devem satisfação a ninguém, nem à política. É importante que continuemos revelando o que aconteceu no passado. De fato, os investigadores e promotores estão no foco dos acontecimentos e quase viraram estrelas eles mesmos. Mas isso não é bom, porque atrapalha as investigações, quando notícias, às vezes especulativas, são publicadas nas mídias.

A economia brasileira é prejudicada pelos políticos?

Os políticos no Brasil atualmente estão muito impopulares, mas sem eles também não é possível fazer política, já que uma democracia não funciona sem partidos e pessoas. Nós temos que melhorar o sistema político e criar uma base nova para o relacionamento da popula-

“Sentimos FALTA da Alemanha”

Em entrevista, o presidente da Apex-Brasil fala sobre crises, crescimento econômico, energias renováveis, a China e a vontade de expandir os laços com a Alemanha em setores estratégicos



A Alemanha importa principalmente alimentos do Brasil. Ao lado de café e carne, são as frutas que estão em alta

ção com a política. A princípio, o Brasil sempre esteve aberto para investimentos estrangeiros, isso desde o século XIX, para ser exato. O Brasil é mundialmente um dos países com o maior número de investimentos estrangeiros, mesmo nos anos muito difíceis e incertos de 2015 e 2016. Pode-se perguntar como isso é possível. Mas é muito simples: as pessoas investem para obter lucro. E isto no Brasil funciona muito bem.

A economia hoje trata também de energias renováveis. Quais são os planos do Brasil para a sua utilização?

O setor da energia é extremamente importante. Entre todas as economias grandes do mundo, o Brasil possui uma das maiores taxas de utilização de energias sustentáveis. E seremos ainda muito mais renováveis, fazendo com que muitas novas oportunidades se apresentem aos investidores. Já somos grandes nos setores da energia eólica e dos biocombustíveis e expandimos a energia solar a passos largos. Temos muitos investidores estrangeiros no setor dos biocombustíveis, principalmente do Reino Unido e dos EUA, mas infelizmente, ainda não da Alemanha. Como a Alema-

nha está apostando fortemente nas energias renováveis, investir no Brasil é uma opção muito boa.

Há muito sol no Brasil, muito mais do que na Alemanha, por exemplo. Por que a energia solar até agora só teve um papel secundário?

O fato da energia solar no Brasil não ser tão importante como na Alemanha — mesmo que estamos em nono lugar mundialmente — tem motivos exclusivamente econômicos. A energia eólica simplesmente tem se mostrado como o método mais eficiente de produção de

energia até agora, sendo muito mais barato do que a energia solar. Mas com o tempo, ela está se tornando mais competitiva e, obviamente, o Brasil é um lugar excelente para a produção de energia solar. Devido a má situação das receitas fiscais, o Brasil não foi e ainda não está em condições de subvencioná-la. Assim, todos os setores têm que ser auto-sustentáveis e competitivos, quer seja nos setores eólicos, solares, ou de carvão. No entanto, formulamos objetivos claros em relação às energias renováveis e iniciamos um processo de licitação independente nesses setores. É o nosso objetivo que futuramente 75 por cento do consumo de energia no Brasil é derivado das energias renováveis e em dezembro haverá leilões para novos projetos.

O que o Brasil oferece às empresas que querem investir no país?

Um clima de investimentos seguro, legalmente transparente e confiável — e, é claro, um grande potencial de crescimento estável, como nos leilões acima mencionados e nos processos de licitação. Eles estão abertos a todos os interessados do mundo inteiro. Infelizmente, a Alemanha até agora tem se mostrado mais ausente do que presente nessa questão. O nosso parceiro mais importante e ativo é, de longe, a China, também no setor da energia solar. Embora a Alemanha ainda seja um parceiro econômico muito importante com um grande número de empresas no país, mas enquanto, a Itália, a Espanha, a França e os Países Baixos aumentaram suas atividades, o empenho alemão recuou um pouco. Mesmo assim, estamos esperançosos que a Alemanha volte a investir mais fortemente no Brasil em todos os setores. Afinal, temos uma longa tradição em comum e, além disso, depositamos grandes esperanças no tratado de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia, que talvez pode ser realizado ainda em 2017, para ser implementado depois, em 2018. Isso aumentará os incentivos para as empresas em se tornarem mais ativas na União Europeia. Como eu já disse anteriormente: estamos sentindo um pouco a falta da Alemanha.

A fome da China por matérias-primas é enorme e cresce cada vez mais. Qual é o papel da China no Brasil?

A China é um parceiro muito bom para o Brasil, é o nosso maior parceiro comercial. A China é hoje a nação econômica mais ativa do mundo, em muitas áreas mesmo a maior delas e em breve ultrapassará os EUA. Em 2030, o mercado chinês será quase duas vezes maior do que o mercado dos EUA. Mas a China nunca será capaz de satisfazer as suas necessidades, seja no setor da energia, das matérias-primas ou da alimentação. O Brasil talvez seja, para a China, o país que melhor pode cobrir a maior parte de suas necessidades de uma forma conjunta. Os chineses praticamente devoram os minérios de ferro e para as nossas exportações de carne e de soja são, de longe, o nosso maior cliente.

O Brasil não tem medo que a China possa sugar as suas matérias-primas, como se queixam alguns países africanos?

Nem um pouco. Eu até acredito que há uma grande distorção no que se refere às ações da China na África. É claro que os chineses querem matérias-primas e alimentos, mas, por outro lado, realizaram mais obras beneficiando a infraestrutura daqueles países do que fizeram as antigas potências coloniais juntas em 200 anos. Portanto, a situação não é tão ruim como se costuma afirmar. E aqui no Brasil, temos controle absoluto sobre essa situação. Temos a *State Grid Corporation*, a maior empresa estatal de energia chinesa, que tem quase 50% de seus bens patrimoniais no exterior aqui no Brasil. É claro que estamos felizes pelo seu engajamento, mas o que queremos é um empenho global. Infelizmente, a Alemanha não se destaca no setor da infra-estrutura, não só no Brasil, como no mundo inteiro. Gostaríamos de ter novamente um empenho mais forte da Alemanha no Brasil, inclusive numa área na qual ela é especialmente competente: na construção e manutenção de portos.

Quais são as maiores mercadorias de exportação do Brasil e em quais delas a Alemanha está particularmente interessada?

Registramos o nosso crescimento mais dinâmico nos produtos agrícolas. Há 50 anos atrás, tivemos resultados deficitários, hoje o Brasil tem o maior superávit comercial neste setor em todo o mundo. Os produtos agrários representam quase 50% das nossas exportações totais. Em comparação a meados da década de 1970, a nossa produção agrária aumentou em quase cinco vezes. Mas também somos um exportador importante de aviões e de carros. É possível que, em 2017, possamos chegar à marca de 800 mil veículos vendidos no exterior. A nossa principal mercadoria no comércio com a Alemanha são os alimentos. Também se registra um forte aumento na exportação de frutas. Além disso, a carne é muito importante e, é claro, o café. A Alemanha compra muito café brasileiro, mas não é o Brasil quem mais ganha com isso, e sim a própria Alemanha, porque é lá que o nosso café é processado, refinado e vendido. Torna-se um pouco difícil determinar os números exatos do nosso comércio com a Alemanha, porque os produtos chegam aos portos de toda a Europa. Quando chegam a Roterdã, por exemplo, para nós são exportados para a Holanda, embora de lá sejam transportados para a Alemanha.



Sobre o entrevistado

Roberto Jaguaribe é o presidente da **Apex-Brasil** (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos) que ajuda empresas brasileiras na comercialização de produtos e na prestação de serviços no exterior. A Agência promove investimentos estrangeiros no Brasil e apoia empresas estrangeiras em sua entrada no mercado brasileiro.

O Rio de Janeiro do rio Reno

O Rio e a cidade de Colônia estão conectados não apenas pelo amor ao futebol, mas também por sólidos laços econômicos. Sede do Encontro Econômico de 2018, a cidade alemã quer aprofundar ainda mais essa relação

A cidade de Colônia sediará, no ano que vem, o 36º Encontro Econômico Brasil — Alemanha, a exatos dez anos mais tarde, quando a cidade da famosa catedral já fora uma vez a anfitriã do acontecimento. Isso foi deci-

POR CHRISTINA PETRICK-LÖHR

didado pela Associação Nacional da Indústria Alemã (BDI) em parceria com o seu pendente brasileiro, a Confederação Nacional da Indústria (CNI). De 24 a 26 de junho de 2018 serão esperados cerca de 600 participantes dos dois países na cidade do carnaval alemão, para expandir os contatos nos setores da economia, da ciência, assim como da política e da administração, e procurar por novas opções na cooperação dos dois países. “Colônia é o lugar ideal para este encon-

tro tão importante da economia brasileira e alemã. Nos últimos anos, a cidade de Colônia e a Koelnmesse tem aumentado o seu empenho no mercado brasileiro, inspirado também pela parceria de cidades entre Colônia e o Rio de Janeiro, inaugurada em 2011”, diz a prefeita de Colônia, Henriette Reker.

A cidade de Colônia é, literalmente, predestinada a sediar o Encontro Econômico, porque os habitantes do rio Reno têm muitas coisas em comum com os cariocas do Rio, por exemplo, o amor pelo futebol e a marcante alegria de viver. E por último: o mútuo amor ao carnaval. Enquanto lá em baixo, ao lado do Pão-de-Açúcar, os sul-americanos quentes estão dançando o samba, os carnavalescos do rio Reno alegremente se aquecem balançando ao som da música. À parte disso, cerca de 10 000 brasileiros

”

ACREDITAMOS QUE ESTE PAÍS VOLTARÁ A SER UM GRANDE PAÍS DE EXPORTAÇÕES COMO TAMBÉM UM GRANDE MERCADO PRA NEGÓCIOS

GERALD BÖSE,
Chefe da Koelnmesse

moram em Colônia e assim, a cidade abriga uma das maiores colônias dos sul-americanos na Europa. Na Alemanha, ainda se encontra uma comunidade grande de brasileiros em Berlim.

A parceria de cidades relativamente recente entre a metrópole mais velha do Brasil e a metrópole mais velha da Alemanha tem feito muito pela cooperação entre os dois países, juntamente com o patrocínio de uma fundação ágil e eficiente. Os contatos hoje em dia se dão em vários campos de atuação.

Um de seus atores mais importantes é a Koelnmesse. Desde 2014, o promotor de feiras tem uma filial própria, com sede em São Paulo e promove feiras como a Feira Internacional de Soluções e Tecnologias para a Indústria Alimentícia, a “Anutec Brazil”, em Curitiba. Adicionalmente a isso, deve acontecer em São Pau-

lo, sob a direção de Colônia, feiras de roupas e vestimentos para crianças e bebês. Em 2019 deve começar uma nova feira alimentícia, sucessora da feira “Anuga”, em São Paulo. O chefe executivo da feira, Gerald Böse, explica assim o empenho: “Como um promotor de feiras alemão que atua globalmente, mostramos com estes eventos que continuamos apostando no Brasil, mesmo sob condições gerais difíceis. Acreditamos que este país voltará a ser um grande país de exportações como também um grande mercado para negócios.” Afinal das contas, o Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo.

A cooperação entre Colônia e o Rio também deixou as suas marcas em outro setor: a Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro, Comlurb, construiu, em cooperação com a empresa de reciclagem e retirada de lixo da Colônia AVG, uma compostora moderna. Há alguns meses, cerca 10 000 toneladas de lixo orgânico por ano agora são processadas para compostagem em vez de produzirem o prejudicial metano nos aterros de lixo superlotados da cidade. O lado brasileiro também já sinalizou interesse em

outros projetos futuros, como por exemplo, em uma usina incineradora.

Como uma conexão entre os interesses econômicos brasileiros e alemães, também funciona o “Brazil-Business Centre Cologne”, situado no coração da cidade, bem em frente à prefeitura. Este centro de negócios, iniciada em 2013 por iniciativa privada, faz propaganda para que pequenas e grandes empresas da maior economia popular da América do Sul se conectem a Colônia em seus negócios. Afinal, por causa da sua excelente localização, Colônia também pode servir de trampolim para visitar outros grandes centros de negócios próximos, como Amsterdã, Antuérpia, Paris ou Bruxelas.

Na área da cooperação científica também há desenvolvimentos interessantes: Na primavera de 2016, a “Fundação Getúlio Vargas” do Rio abriu um escritório em Colônia, é o primeiro escritório de representação externa da FGV-Europa em todo o mundo. A Fundação é um dos mais importantes *think tanks* da América do Sul, e além disso, oito universidades do Brasil trabalham em conjunto com ela.



Quem esculpiu essa **ROCHA?**

Pôr-do-sol no Parque Nacional Serra da Capivara, situado no nordeste do estado do Piauí. Com o descobrimento do paredão rochoso, esta região pouco explorada até agora, entra no foco dos arqueólogos

Ele é maravilhosa, sensacional," entusiasma-se Eric Boëda enquanto fala ao telefone. Com o seu forte sotaque francês, ele conta sobre "le disque" - o disco retirado por ele em 2016, das terras secas da Serra da Capivara, bem no meio da caatinga do nordeste quente brasileiro, onde ninguém moraria voluntariamente. O "disque" teria cerca de 20 x 30 cm, com uma forma oval e uma espessura de quatro centímetros.

POR PIA HEINEMANN

"Ele é todo trabalhado em sua volta, sem dúvida, por mãos humanas." Uma coisa fantástica, como explica o professor de arqueologia pré-histórica da Universidade de Nanterre, em Paris. Ele teria encontrado o disco no nordeste do Brasil, que teria entre 24 a 26 mil anos de idade e seria, portanto, de uma época em que, conforme a opinião tradicional, ainda não poderiam ter vivido homens naquela região. Isto seria uma verdadeira revolução, afirma Boëda de forma autoconfiante.

Há décadas os arqueólogos discutem entre si sobre o povoamento do continente americano teria acontecido. Durante muito tempo acreditava-se na teoria de que há 12 mil anos as camadas de gelo da última era glacial fizeram o nível do mar baixar tanto que pelas terras do Estreito de Bering, que liga a Sibéria ao Alasca, as pessoas podiam passar da Ásia para a América, há cerca de 11 mil anos.

Em seguida, migraram para a América Central e do Sul em apenas 200 anos. Existem muitas testemunhas desta caminhada, sobretudo as pontas de flecha longas e pontiagudas, assim como lâminas feitas de pedra deixadas pelos primeiros americanos. A primeira dessas ferramentas foi encontrada há 80

Um disco de pedra poderia contrariar a explicação clássica a respeito do povoamento da América. Com o seu achado no Brasil, Eric Boëda quer reescrever a história

anos na cidade de Clóvis, um pequeno vilarejo no estado de Novo México, nos EUA. Durante muito tempo, as pessoas da "Cultura Clóvis" foram consideradas os primeiros americanos.

Sempre aparecem, porém, achados arqueológicos que não estão em acordo com a teoria do "Clóvis First". No Chile, no Peru e no Brasil foram achados artefatos aparentemente feitos por mãos de homens, porém que possuem uma idade muito maior do que as lâminas de Clóvis. Talvez os primeiros americanos não tenham morado no Alasca, mas sim na América do Sul.

Eric Boëda é um dos pesquisadores que quer provar exatamente isso. No entanto, ele enfrenta um problema: o clima úmido e o solo ácido causaram podridão aos ossos, aos crânios e a outros materiais orgânicos. Ele só pode provar essa teoria de forma indireta. "A maioria dos arqueólogos não é treinada para reconhecer as características típicas dos achados arqueológicos em regiões tropicais", diz ele.

Identificar pedras atingidas com ferramentas muito antigas é difícil, especialmente se elas não foram formadas com material típico das áreas da África, da Europa ou da América do Norte, e

sim de quartzo, ou seja, de pedras arredondadas do campo. As pessoas da Idade da Pedra na América do Sul tinham apenas essas pedras grosseiras, dificilmente reconhecíveis como artefatos.

Assim, Eric Boëda procura por mais provas sobre o primeiro assentamento humano na Serra da Capivara. Ali há também mais de 40 mil pinturas rupestres com uma idade de 10 mil anos desenhadas nos paredões do parque. Por causa delas a região tornou-se conhecida entre os arqueólogos. Elas são de pessoas que viveram aqui há 10 mil anos e são, portanto, muito recentes para derrubar a teoria de Clóvis, apesar de oferecerem pistas valiosas a respeito da vida em um passado distante.

"A Serra da Capivara era até agora despercebida, subestimada, inexplorada", diz Markus Reindel, do Instituto Arqueológico Alemão de Bonn. Há 25 anos ele pesquisa a história do povoamento humano na América do Sul. Nesta área, agora seca, no estado do Piauí, ele e sua equipe tentam rastrear a história climática dessa região através das camadas do solo. Procura por pólen e ossos de animais, por dentes e também por provas de uma antiga vegetação.

Na verdade, os primeiros humanos desta região poderiam muito bem ter sobrevivido. Mas, como enfatiza Reindel, isso não serve de prova de que realmente o fizeram. Boëda e seus colegas não querem se contentar com um "poderia". Eles cavaram o solo em vários pontos e vasculharam a área. Todo objeto interessante é registrado e enviado ao laboratório.

Para provar a existência de um assentamento humano, precisam ser encontrados vestígios evidentes, ou seja, ferramentas, artesanatos e indício de fogueiras, bem como restos de lixo. Na Serra da Capivara, Eric Boëda não só senterrou o seu disco de pedra, como também encontrou pequenos pedaços de madeira queimada. Eles mostram claramente a existência de fogo. "Nós conseguimos mostrar que a madeira foi queimada há mais de 15 mil anos, talvez até 30 mil anos atrás", diz o pesquisador.

Markus Reindel, porém, ainda não se mostra convencido. "Fogo também surgia sem intervenção humana", diz ele. "Relâmpagos ou um incêndio florestal poderiam ser a causa das peças de madeira carbonizada", diz ele. Outros cientistas também estão céticos. O carvão seria uma indicação, mas longe de ser uma prova para uma existência humana à época.

Também ainda não se sabe se "le disque" seria realmente um artefato. Até um ano atrás, pedras com as suas bordas cortadas de uma forma sistemática eram consideradas o trabalho de seres humanos, mas logo em seguida, pesquisadores publicaram um vídeo na internet, mostrando macacos capuchinhos estraçalhando pedras na selva.

Tom D. Dillehay não vê nenhum problema nisso: "Quando humanos fazem ferramentas de pedras, caem muito mais fragmentos do que no caso dos macacos". O antropólogo norte-americano da Universidade Vanderbilt, de Nashville, Tennessee, é um dos arqueól-

ogos renomados que também pesquisa na América do Sul vestígios dos primeiros americanos.

O que os macaquinhos fazem com pedras não deve ser confundido com os vestígios pelo processamento dos homens, escreve Dillehay, que ainda não está convencido sobre o "le disque". "A maioria dos artefatos poderiam ter sido feitos por mãos humanas, mas eu sinto

falta de claros indícios de fogueiras, de solo prensado e de ossos de animais", explica.

Para Eric Boëda, o disco ainda é uma sensação, a qual precisa ser analisada com toda a tecnologia moderna de pesquisa antes de ser apresentada oficialmente à ciência. É quando a discussão sobre os primeiros americanos vai esquentar novamente.

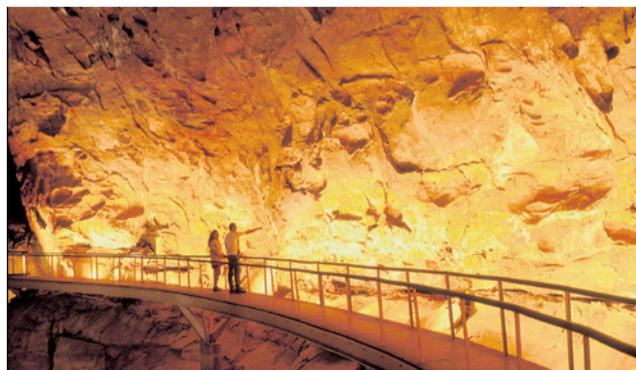


Impressionante Stonehenge encontrado em plena selva amazônica

A 360 quilômetros de distância da cidade de Macapá, perto da foz do Rio Amazonas, arqueólogos descobriram, em 2005, no meio da floresta tropical, um "Stonehenge brasileiro" que pode ter até 2000 anos. O complexo consis-



te em 127 blocos de granito de até 3 metros de altura em várias formações circulares. Seus construtores desconhecidos provavelmente os utilizaram até a chegada dos europeus (cerca de 1500) para determinar as transições entre as estações de estiagem e de chuva. Um argumento a favor desta tese consiste no fato que, por ocasião do solstício, no dia 21 de dezembro, os raios solares passam por uma abertura redonda feita no centro de um dos blocos de forma precisa. Este conjunto de pedras também servia para fins rituais como, por exemplo, festas funerárias, porque, além de utensílios para a fabricação de cerveja derivada do milho ou da mandioca, recentemente também foram encontradas urnas de argila, às vezes ornadas, ao lado de restos mortais humanos. O maior mistério, no entanto, ainda são os próprios blocos de granito que pesam até dez toneladas: ainda não se faz ideia de como chegaram lá e como foram fincados. Agora, as autoridades estão pensando em criar um parque de arqueologia, onde outras descobertas da região também poderão ser mostradas.



No Parque Nacional Capivara, pinturas rupestres podem ser admiradas (acima). Seriam elas obras de macacos prego ou mesmo de seres humanos? Os mistérios do paredão rochoso ainda não foram desvendados



ANZEIGE

No mundo inteiro a seu lado. Agora também em São Paulo.

Aproveite nossa presença global para alavancar o sucesso de sua empresa.

Desafios globais requerem competências locais. Por essa razão estabelecemos recentemente nosso escritório em São Paulo: Commerzbank Brasil S. A. Banco Múltiplo, Tel.: +55 11 4766-1600, saopaulo.contato@commerzbank.com, www.commerzbank.com.br

O Commerzbank recebeu, através do Euromoney Awards for Excellence, a distinção de "Best Bank in Germany" pela sua orientação estratégica enquanto parceiro financeiro confiável, eficiente e bem-sucedido em tempos de desafios para o setor bancário alemão. Euromoney, edição de 07/2017

COMMERZBANK

O banco a seu lado



IMPRESSÕES
DE UM
PAÍS

Encontro Econômico premia três personalidades dos dois países
Cerca de 2000 participantes do Brasil e da Alemanha serão esperados para o 35º Encontro Econômico Brasil – Alemanha. O anfitrião deste ano é a cidade de Porto Alegre e o encontro, que contará



ROBERTO TRIBES

com a presença de representantes das áreas da economia e da política, visa reforçar as relações bilaterais e ajudar a estabelecer novas oportunidades de negócios. É realizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Federação das Indústrias Alemãs (BDI). Parte obrigatória da agenda anual é a premiação de personalidades que se destacaram. Serão premiadas uma personalidade brasileira e uma alemã pelos seus empenhos nas relações entre os dois países. O lado alemão será representado por **Edgar Horny** (foto acima) que há anos trabalha pelo Grupo Voith (uma empresa de tecnologia alemã com matriz em Heidenheim). Até fevereiro de 2013, Horny foi presidente da Associação de Engenheiros Brasil-Alemanha (VDI) e é atualmente o seu presidente de honra. Além disso, é presidente do Senior Advisory Board da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha em São Paulo. O Brasil será representado por **Élber Giovane de Souza**, mais conhecido por **Giovane Élber**. A partir



PA VON BELLAIGE

de 1994 atuou como jogador de futebol na **Bundesliga** da Alemanha pelo VfB Stuttgart, antes de se transferir para o Bayern de Munique em 1997. Foi com este clube que ganhou quinze títulos em seis anos, entre os quais, a Liga dos Campeões, em 2001. Já no ano de 1994, Élber havia criado um projeto social para cerca de 300 crianças e adolescentes, a Fundação Giovane Élber, em sua cidade natal Londrina, no estado do Paraná. O prêmio "Brazil-German Journalism Award" será entregue pela segunda vez, premiando uma pessoa que trabalha como jornalista nos dois países. O premiado de 2017 é o cientista econômico Alexander Busch que mora 25 anos no Brasil e escreve, entre outros, para os jornais Handelsblatt, Wirtschaftswoche e a Neue Zürcher Zeitung. cle

Não é só Donald Trump que gosta de anunciar coisa grande em formato pequeno. Também Michel Temer, o presidente do Brasil, que está sob forte pressão por causa dos escândalos de corrupção, está usando o Twitter na tentativa de formar opiniões e de melhorar a sua imagem: "A recessão acabou! Este é o resultado das medidas que tomamos", ele *tweetou* no verão deste ano. Isto não é "Fake News", mas muita gente se pergunta, se ao invés do ponto de exclamação, não deveria ter um ponto de interrogação. Porém, uma coisa está certa: desde o início do ano de 2017, a economia está se recuperando lentamente da maior recessão da história do Brasil até então. De acordo com o IBGE, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1% em relação ao primeiro trimestre. Foi o primeiro aumento após oito trimestres consecutivos de queda no desempenho econômico. O maior responsável para essa reviravolta foi o setor da agricultura que pôde aumentar o seu volume de produção em 13%, o que também levou a um aumento nas exportações de quase 5%.

POR JOCHEN CLEMENS

Estas notícias boas, porém, não devem esconder o fato que o consumo interior do país diminuiu, assim como os investimentos no Brasil. Já que uma queda no desemprego alto e uma segunda colheita recorde em 2017 parece pouco provável e o desempenho de muitos setores da economia continuam bem abaixo de suas possibilidades, os economistas alertam que ainda é muito cedo para se respirar aliviado. Um dos fatores para a estabilização da economia são as 1600 empresas alemãs. A maior concentração de empresas alemãs fora da Alemanha é formada por empresas como a Siemens, Bayer, ThyssenKrupp, VW, MAN e a Mercedes-Benz, que atuam no país há décadas. No entanto, muitas empresas médias e pequenas também apostam no Brasil para fazer negócios. Três delas nós apresentamos aqui.

FABER-CASTELL: DOIS BILHÕES DE LÁPIS PARA O MUNDO

Livros de colorir estão em ascensão. Isso é bom para o fabricante de lápis a cor mais conhecido do mundo: a Faber-Castell. Esta empresa de tradição, da região de Francônia, na Alemanha, que existe desde 1761, está lucrando com este boom. A sua fábrica situada na cidade de Sao Carlos, no estado de Sao Paulo, é a maior fábrica de lápis de madeira do mundo e a sua produção atual alcança o número impressionante de dois bilhões de lápis de grafite e de cor por ano.

No Brasil, a Faber-Castell possui três filiais com um total de 2700 funcionários. Desde 1930 a empresa fabrica os seus produtos em Sao Carlos e, desde 2006, empregados brasileiros também produzem canetas, marcadores e apontadores na fábrica da empresa em Manaus, capital amazonense. Quinhentos funcionários trabalham na cidade de Prata, em Minas Gerais, numa fábrica em meio a gigantescas plantações sustentáveis de pinhos, com uma serraria anexada. Já em 1967, a Faber-Castell começou aqui um extenso programa de reflorestamento para assegurar a qualidade da madeira. As florestas gerenciadas pela Faber-Castell em todo o Brasil hoje cobrem uma área de 10 mil hecta-



Vista da skyline de São Paulo com a Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira. Muitas das empresas alemãs no Brasil têm as suas filiais em São Paulo e região

Uma presença de longa TRADIÇÃO

Cerca de 1600 empresas alemãs estão atuando no Brasil, a maioria delas em São Paulo e região. A presença das grandes marcas multinacionais é conhecida. Outros nomes surpreendem e alguns outros, só os especialistas conhecem: um trio se apresenta

res. É com essas plantações no Brasil que a empresa alcança a neutralidade na emissão de CO₂. Isso porque as árvores absorvem mais dióxido de carbono do que a quantidade total de CO₂ que é emitida pelas fábricas da Faber-Castell no mundo inteiro, como explica a empresa.

Neste caso, as medidas são reguladas pelo compromisso social da Faber-Castell, que esta acordou, em 2002, com o sindicato metalúrgico alemão (IG-Metal). Como uma das empresas industriais mais antigas do mundo, a Faber-Castell, com a suas filiais brasileiras, oferece condições de trabalho decentes e justas. Isto inclui a proibição de trabalho infantil. Além dos salários, sempre acima da média regional, os funcionários brasileiros ganham um café da manhã grátis e um almoço de preço baixo. Há período de exercícios de ginástica durante os intervalos e cursos profissionalizantes gratuitos. Como conta Ralf Heyen, diretor no setor de recursos humanos: "É vantajoso, porque a motivação e a lealdade dos funcionários no Brasil são altas e o tempo de permanência deles na empresa está acima da média." É no Brasil que a Faber-Castell tem o seu maior empenho no exterior e as suas canetas e lápis "Made in Brazil" são exportados para 70 países. Eva von Steinburg

KÄRCHER BRASIL: IDEIAS LIMPAS E INOVAÇÃO PARA OS INTERESSADOS

A estatua do Cristo Redentor — este símbolo bonito e mundialmente conhecido do Rio de Janeiro, voltou a brilhar por quatro vezes por causa da Kärcher Brasil, ou seja, obteve uma limpeza completa. A empresa bem sucedida da família Kärcher de Winnenden, no estado de Baden-Württemberg, na Alemanha, atua no Brasil desde 1975. A limpeza completa da estatua do Cristo saiu de graça para a cidade do Rio de Janeiro. Foi uma contribuição voluntária da empresa e faz parte de seu programa de patrocínio cultural. Desde 1988, a Alfred Kärcher GmbH produz as suas conhecidas máquinas de limpeza e limpadores de alta pressão no estado de Sao Paulo. Foi em 2014, que a Kärcher Brasil inaugurou uma nova fábrica perto da pequena cidade de Vinhedo, a 50 quilômetros da megalópole de Sao Paulo. Quatrocentos funcionários brasileiros produzem aqui acessórios para a lavagem de carros, limpadores a vapor, aspiradores secos e úmidos, assim como limpadores de alta pressão para água quente ou fria.

A Kärcher expandiu-se ao Brasil para evitar os altos impostos de importação, mas também para estar perto ao consumidor, porque o Brasil é, para a Kärcher, um "mercado muito importante". Na maior economia popular da América do Sul, com os seus 200 milhões de habitantes, ela encontrou um interesse muito grande em seus aparelhos profissionais de limpeza.

"As altas taxas de importação e as oscilações cambiais exigem um nível muito alto de produção interna", descreve a empresa as peculiaridades do mercado brasileiro. E quanto às perspectivas no Brasil? "Após anos de recessão, o mercado se recupera lentamente", explica a portavoz da Kärcher, Isabelle Kabisch. Já Dieter Grajer, gerente operacional da empresa, acrescenta: "Em um ambiente econômico de mudanças constantes como no Brasil, os nossos funcionários altamente comprometidos e flexíveis são a base do nosso sucesso." Eva von Steinburg

ME-LE BIOGÁS: ENERGIA E INVESTIMENTO EM PROJETO EDUCACIONAL

Fundado em 1990, o grupo ME-LE tem a sua sede em Torgelow, no estado de Mecklenburg-Vorpommern, na Alemanha. A produção de ar comprimido e de aquecimento, assim como encanamentos e tubulações, pertence aos campos operacionais da empresa com cerca de 500 funcionários, que também atua na área do biogás. Há alguns anos, esse gás obtido da fermentação de biomassa, ainda foi visto como parte importante na geração de energia na Alemanha e a sua produção e o seu uso foi fortemente subvencionado. Isto, porém, hoje é passado e o biogás exerce um papel secundário como fonte de energia na Alemanha.

No entanto, isto não tem muita importância, como afirma Helmut Tündermann. O gerente comercial da ME-LE Biogás GmbH vê porém, "excelentes perspectivas de mercado" em outros lugares do mundo, "principalmente nos países emergentes." É por esta razão que os alemães do norte estão ativos no Brasil, bem como no Vietnã e na China, entre outros. Só no estado de Minas Gerais existem milhares de aterros sanitários, assim a afirmação de Tündermann, que acrescenta: "Trata-se na maioria de lagoas feitas de uma forma muito simples com uma cobertura, o metano ali obtido é queimado sem aproveitamento energético ou entra na atmosfera

prejudicando o meio-ambiente." A maioria dessas instalações resultou do Protocolo de Quioto, do ano de 1997, que, com o comércio internacional de emissões, deu a estados e empresas um instrumento flexível para alcançar os objetivos globais da redução de emissões de CO₂.

Em vista do aumento dos preços de energia no Brasil, e, ao mesmo tempo, de um potencial energético ainda não utilizado, "nós decidimos fazer algo", diz Tündermann. A longo prazo se espera conseguir que no Brasil o biogás seja automaticamente associado à marca ME-LE e que possa se obter uma porcentagem cada vez maior do mercado através da construção e da operação de usinas de biogás.

Os primeiros passos já foram realizados e, depois de vencer alguns obstáculos devidos a burocracia, um projeto educacional foi iniciado recentemente, em cooperação com o Ministério da Educação do Brasil e o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. O objetivo da iniciativa é alcançar uma formação profissional dentro de dois anos, tanto através de institutos de ensino profissional, como também, de institutos de ensino geral. "Do nosso lado, o projeto educacional está sendo realizado pela ME-LE-Akademie, o único instituto educacional aprovado pelo estado alemão para a formação de gerentes de usinas de biogás", diz Helmut Tündermann.

Na primeira etapa, os "multiplicadores" devem ser formados, ou seja, pessoas que futuramente possam realizar treinamentos nos locais. A demanda é muito alta. O curso, de um total de 640 horas, se constitui de um projeto de *e-learning* e aulas presenciais e pode ser concluído em cerca de seis meses. A ME-LE Biogás GmbH até criou sua própria usina de biogás, no estado do Paraná, para a parte prática do curso.

Um obstáculo para investir no Brasil, no entanto, vê Tündermann, de forma geral, no sistema altamente regulador, em especial na legislação tributária. Mesmo assim, o engajamento do grupo ME-LE no Brasil, com os seus 25 funcionários, no ramo de biogás é um investimento que no futuro valerá a pena, especialmente quando o biogás no Brasil for politicamente almejado e visto como uma nova e boa opção de energia.

Se tudo correr bem, o grupo quer se concentrar em projetos selecionados. Haverá, portanto, espaço suficiente para outras empresas alemãs do ramo. cle

ANZEIGE

Internationalität verbindet

Santander Bank – unsere internationale Erfahrung für Ihren weltweiten Erfolg.

www.santanderbank.de/firmenkunden

Santander
BUSINESS & CORPORATE



A região do Vale dos Vinhedos, no nordeste do Rio Grande do Sul, é uma área de viticultura clássica. Os vinhos brasileiros ainda estão pouco competitivos internacionalmente, mas isto deve mudar logo

VINHO, cerveja e carne de primeira

Quem desce do avião no Aeroporto Internacional Salgado Filho de Porto Alegre, vai sentir, se o vento vier da direção certa, uma brisa quente com o cheiro do mar. É o cheiro do Rio Guaíba, é o cheiro de Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul com os seus 1,5 milhões de habitantes. Muitos alemães já sentiram esta brisa a 200 anos atrás, porque desde 1824 o Rio Grande do Sul, que está entre os estados mais ricos do Brasil, sempre foi um dos destinos mais populares para os imigrantes alemães.

POR MARCO TRIPMAKER

Aqui, bem perto do Uruguai e da Argentina, em algumas regiões cerca de 50% da população tem raízes alemãs e alguns motoristas de táxi falam fluentemente o alemão, de preferência sobre o futebol. Oliver Rautinger, que durante a Copa do Mundo de 2014, assistiu ao 2 x 1 da seleção alemã contra a Argélia, pelas oitavas de final — “o jogo foi ruim e o tempo pior ainda. Ficamos todos aliviados pela feliz passagem para as quartas de final” — três anos mais tarde se encontra novamente na cidade, a negócios.

Mas Porto Alegre tem muito mais a oferecer além do futebol: “As montanhas de carne do Mercado Público eu nunca vou esquecer, e comendo um churrasco à noite é fantástico”, diz o gerente de logística de Wolfsburgo.

Estamos em Porto Alegre, na capital gaúcha, e na churrascaria “Komka” hoje à noite novamente tem um grande desfile de espetos: tem picanha, a carne tão amada pelos brasileiros. Especialmente do primeiro corte, quando o pedaço de carne vem da grelha ainda inchado e crocante. Para conseguir este primeiro corte de carne especialmente tenra, os brasileiros são engenhosos. Um garçom do “Komka” me diz com um sorriso que os cortadores às vezes recebem uma gorjeta boa para servir somente este primeiro corte. “Nós brasileiros comemos muita carne de boi. Aqui no Rio Grande do Sul, uma pessoa consome em média pelo menos 50 quilos por ano. Mais do que isso, só os argentinos”, diz o garçom Rogério. Os alemães, em comparação, consomem apenas 15 quilos por ano. “O melhor é que as nossas churrascarias são bem mais baratas que as de São Paulo ou do Rio de Janeiro.” Dizendo isso, Rogério se dirige a outra mesa com seus espetos de cupim. Esta carne não está livre de gordura, mas em compensação derrete na língua.

O clima do Rio Grande do Sul, que com os estados de Santa Catarina e Paraná forma o sul do Brasil, é temperado e existem as quatro estações. Não é de se admirar, portanto, que muitos europeus escolham preferencialmente esta região do país para morar. Olhando para a Europa, pode-se comparar a flora e a fauna com as da região do mediterrâneo. “Também podem acontecer noites geladas e neve, quando chega

Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, é muito diferente do Brasil das agências de viagem. Na terra do churrasco é possível até fazer turismo em alemão

uma frente fria lá da Argentina. Especialmente cidades como Gramado, na Serra Gaúcha, são atingidas neste caso”, diz o pastor Adelar Schünke que nasceu no sul do Brasil e também tem ascendência alemã.

O Rio Grande do Sul, ligeiramente maior do que o Equador ou a Nova Zelândia, seria como o celeiro do Brasil: Há grandes fazendas de gado, criação de aves e suínos, plantações de café e de cana-de-açúcar, viticultura e plantio de cereais como milho, trigo, arroz e soja. As exportações geralmente são realizadas através dos portos do Rio Grande e de Porto Alegre, e assim chegam também ao norte europeu e à Alemanha.

A cerca de 120 quilômetros a nordeste de Porto Alegre, na Serra Gaúcha, tudo está sendo preparado para o pico da colheita das uvas, nos meses de fevereiro e março. As videiras precisam ser examinadas e o equipamento para a colheita e fabricação do vinho tem que estar pronto. Foram imigrantes alemães, e mais ainda italianos, que trouxeram a viticultura a esta região por volta de 1870 — na sua chegada traziam videiras de suas pátrias e as multiplicaram sucessivamente, numa altitude de cerca de 600 metros, em solo brasileiro. Cerca de 90% da produção de vinho do país é produzida na Serra Gaúcha, incluindo vinhos finos que só podem ser provados nas próprias vinícolas.

Não é de se estranhar que esta região esteja se tornando cada vez mais popular entre os turistas que podem desfrutar de pacotes inteiros, com a degustação dos vinhos e hospedagem. Você pode ficar tranquilo deixando itens valiosos, como smartphones ou ipads, no seu carro: a taxa de criminalidade no sul do país é significativamente menor do que nas grandes metrópoles, como o Rio de Janeiro, São Paulo ou Fortaleza.

Situado a uma altitude de cerca de 800 metros, na Serra Gaúcha, encontra-se um dos lugares mais curiosos do Rio Grande do Sul: é a cidade de Gramado, com 35 mil habitantes. Imagine Reit im Winkl, sem Maria e Margot Hellwig — isso é Gramado. Casas de enxaimel ricamente ornamentadas, telhados pontiagudos e magníficos canteiros de flores, caracterizam a paisagem urbana e a Hortênsia é o símbolo florido da cidade.

Gramado sempre foi o lugar para os turistas que no verão queriam escapar do calor e do clima abafado de Porto Alegre. No inverno se pode ocasionalmente até fazer bonecos de neve por aqui. “Aonde posso levar o senhor? Gostaria de dar uma olhada na natureza ou tomar uma cerveja geladinha em algum lugar?” me pergunta o simpático motorista de táxi em um alemão um tanto esbugado e antiquado. Eu decido visitar a cervejaria “Rasen Bier” — cidades como Gramado e a vizinha Canela investiram de forma pesada, nos últimos anos, no chamado “turismo de cerveja”. Este tipo de turismo, os brasileiros gostam tanto quanto o alemães.

Numa lanchonete — assim são chamados no Brasil os pequenos quiosques que servem sanduíches quentes com

queijo e presunto, assim como um cafezinho — volto encontrar Oliver Rautinger. Queremos fazer uma viagem de barco no rio Guaíba, do qual se deve ter uma vista deslumbrante da cidade Porto Alegre. Rautinger visitou o Mercado Público várias vezes nos últimos dias. “Ali se pode ter uma conversa com as pessoas mesmo sem saber falar uma palavra de português. Os brasileiros são tão gentis e simpáticos. Um torcedor do Grêmio até me convidou para assistir um jogo de seu clube preferido. Nunca

vi isso em nenhum outro lugar.” O pequeno barco turístico desembarca e deixamos a cidade para trás. Temos 25 °C e o céu está sem nuvens. “Se o tempo nas oitavas de final tivesse sido metade do que é hoje, mesmo assim estaria precisando de um casaco bem quente.

Tanto faz, o importante é que Porto Alegre não foi o ponto final para nós”, diz Rautinger, rindo. Sabidamente, o rumo da seleção alemã foi outro. E aí, nós o sentimos de novo: o cheiro quente do rio Guaíba.



O Brasil e a Califórnia ficam no Mar Báltico

Esqueçam, por um momento, a praia de Copacana, o Pão de Açúcar e o Amazonas: na verdade, é em plena região do Mar Báltico que se encontra o Brasil, uma pequena cidade na costa alemã com estacionamento para trailers, dois quiosques e uma praia de 1,6 km de extensão. O cartório civil da região contou um total de 30 “nativos” vivendo por lá. Curiosamente, este “Brasil” foi “descoberto” há apenas três anos, durante a Copa do Mundo de 2014, em uma transmissão pela tv. Na ocasião, um canal alemão foi até lá para transmitir do Brasil sobre o Brasil. De fato, este “Brasil alemão” faz parte do município de Schönberg, no estado de Schleswig-Holstein, a cerca de 20 km da cidade de Kiel. O fato mais curioso é, sem dúvida, o nome do lugar, que vem de uma história bastante pitoresca: no século XIX, um pescador chamado Claus Hinrich Meyer encontrou destroços de um veleiro misterioso que tinha naufragado nesta praia, entre eles uma prancha com o nome do navio azarado - “Califórnia” - e a fixou como decoração em sua cabana. Esta ação parece ter inspirado um amigo pescador para uma “resposta”: este pegou uma prancha de madeira e, assim dizem, riscou nela o nome “Brasil” e, por sua vez, também a colocou em sua cabana a poucas centenas de metros de distância. Desde então, chega-se, por lá, em apenas dez minutos do Brasil à Califórnia, mesmo que às vezes não se perceba, pois as placas das vilas misteriosamente “desaparecem” de vez em quando. Para o fornecimento de placas substitutas foi instituído até um orçamento extra na prefeitura.



O prédio da prefeitura no Centro Histórico de Porto Alegre, construído em estilo classicista, data dos anos de 1920. Porto Alegre também é considerada a “capital dos gaúchos”. Aqui, a carne de boi é o alimento principal. Especialmente cobiçado é o chamado “primeiro corte”



Die Oberbürgermeisterin



Stadt Köln



Bem-vindo a Colônia para o Encontro Econômico Brasil-Alemanha, 24.-26. Junho 2018

E quando você vem para Colônia?

Colônia apresenta muitos pontos fortes: uma localização central na Europa, uma economia forte, possibilidades excelentes para conferências, uma infraestrutura extraordinária, as melhores possibilidades de comunicação, um cenário cultural e um ambiente criativo vigoroso e, acima de tudo, na qualidade de centro internacional. Nos últimos anos, a cidade aumentou significativamente seu envolvimento no mercado brasileiro, sobretudo tendo em conta a parceria de cooperação celebrada em 2011 com o Rio de Janeiro.

Um grande número de empresas brasileiras já se beneficia disso hoje, tais como a Braskem, E2PS, Fundação Getúlio Vargas, Gaustec International, Solupart, Tramontina, Köln Agri Biotech, Dx Logistik e Immovisan.

Colônia conecta pessoas e empresas. Aqui é favorável fazer negócios. Por isso, a cidade da Catedral dispõe das melhores condições estruturais para mais uma vez ser anfitriã do importante encontro das economias alemã e brasileira, o 35o Encontro Econômico Brasil-Alemanha, em 2018. Nós aguardamos você com grande expectativa!

Secretaria de Desenvolvimento Econômico · Willy-Brandt-Platz 2 · 50679 Colônia
Tel. +49 (0)221 221-25765 · Fax +49 (0)221 221-26686
wirtschaftsfoerderung@stadt-koeln.de · www.stadt-koeln.de · www.stadt.koeln





IMPRESSÕES
DE UM
PAÍS

Quando o centro financeiro do país vira um lugar para o melhor da arte

A região metropolitana de São Paulo, com seus mais de 20 milhões de habitantes, é considerada a maior área metropolitana da América Latina. O mais importante centro financeiro, econômico e cultural do Brasil também possui um cenário artístico muito vivo. A jurista e colecionadora Fernanda Feitosa sentiu intuitivamente um clima favorável para mudanças



PAZ/FRANCISCO MENDEZ (2)

neste setor, no início do novo milênio. Foi quando começou a organização de uma exposição de arte contemporânea: o Festival Internacional de Arte de São Paulo (SP-Arte) que até hoje está sob a sua direção. O que era em 2005 ainda uma ação ousada, com um desfecho desconhecido, desenvolveu-se para um modelo de sucesso. No início, as galerias brasileiras praticamente só "trocavam figurinhas" entre si mesmas, enquanto que expositores estrangeiros evitavam o evento por causa das leis fiscais contraproduzidas, que tornaram a importação e a exportação das



diversas obras de arte um jogo de azar. Agora, os organizadores conseguiram das autoridades sensíveis facilidades durante o tempo de duração do evento e, desde então, conseguem realizar bons negócios no Pavilhão da Bienal (foto acima), construído em 1954 pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Mesmo assim, Fernanda Feitosa rejeita um crescimento do festival a qualquer custo. Argumenta que, mesmo que os candidatos para a exposição estejam fazendo fila, deve-se manter um nível de alta qualidade e uma estrutura clara. Neste ano, cerca de um terço de um total de 135 expositores vieram do exterior, alguns deles também da Alemanha (foto acima). Estiveram presentes cerca de 2000 artistas plásticos do mundo inteiro, entre eles, artistas brasileiros contemporâneos, que já causaram furor. Mas também há o reconhecimento da vanguarda brasileira dos anos 1930 a 80, com nomes como Alfredo Volpi, Lygia Clark ou Mira Schendel. Os preços de suas obras muitas vezes alcançam o patamar de centenas de milhares de dólares. A SP-Arte continua fazendo um grande sucesso, mesmo com a difícil situação econômica. bil

Não há carnaval no Rio sem o samba: o mais brasileiro de todos os estilos de música e dança, marca o compasso com cerca de 100 batidas por minuto e, em seu balanço, milhares de pessoas se movimentam com até 150 passos por minuto. É claro que sem o samba, esta festa popular gigantesca e colorida seria simplesmente impensável. Mas é também fora da "quinta estação", que ele determina o ritmo de vida dos brasileiros, e canções como "Mas que nada" fazem dançar até os mais jovens. O que eles provavelmente não sabem, é que estão seguindo o groove irresistível do "centenário mais quente" do mundo.

POR ULRIKE WIEBRECHT

Foi no dia 20 de janeiro de 1917, que a gravadora Odeon Records lançou um disco com a primeira gravação de um samba, que foi a canção "Pelo telefone", da autoria de Donga. Mesmo que outros músicos anteriormente já tenham tocado ritmos parecidos, esta gravação específica é tida como o ponto inicial, e assim, Donga como "pai do samba". Este homem, que na verdade, chamava-se Ernesto dos Santos, tinha musicalizado em conjunto com músicos como João da Baiana, Pixinguinha e Sinhô, um texto do autor de teatro Mauro de Almeida, que tratava da liberação do jogo de roleta em lugar público, fato que o chefe de polícia, em 1910, anunciou de forma pouco burocrática pelo telefone. O lugar de nascimento desta canção foi um quintal próximo à Praça Onze, no centro do Rio de Janeiro, e a função de parteira coube a uma mulata carismática chamada de Tia Ciata, que reunia em sua casa negros e mestiços para festas ritualísticas, nas quais não podiam faltar muita música e dança.

Assim que "Pelo telefone" foi lançado em disco, a música tornou-se um grande sucesso de carnaval. O Rio de Janeiro inteiro a cantava e cantarolava, e quando Manuel Pedro dos Santos, simplesmente chamado de "Baiano", que foi o cantor e ator mais famoso das primeiras décadas do século XX, lançou uma nova versão desta música, a marcha vitoriosa do samba não pôde mais ser contida.

Samba — isto é fusão no sentido clássico, uma vez que surgiu da união de gêneros e culturas dos mais diversos. A polka e também o maxixe, esta dança de salão "quente" do final do século XIX, o influenciaram, assim como o choro, urbano e melódico, e os batuques dos escravos originados da África, que usavam em seus rituais cantigas e danças acompanhadas de instrumentos de percussão, assim como de palmas e assobios. Juntavam-se a tudo isso os sons das fanfarras das unidades do exército português, assim como, cantigas litúrgicas das igrejas católicas. Mais colorido que isso é quase impossível.

No que se refere ao nome "samba", este inicialmente foi usado quase que exclusivamente pelos negros e mestiços que vieram da Bahia e de outras partes do país para o Rio, no início do século XX. Após o fim da escravidão, eles procuraram por trabalho na nova capital do país e se instalaram preferencialmente nas redondezas do porto, em volta da Praça Onze, numa área chamada de "Pequena África", onde continuaram vivendo as suas tradições trazidas da Bahia. "Eles comeram, beberam, gostavam de dançar e chamavam as suas festas de



LIGHTROCKET/VALETTA IMAGES/BRASIL PHOTOS

O samba é uma mistura de muitos gêneros musicais e música popular no sentido clássico. Encontros musicais, como as rodas de samba, fazem parte do cotidiano

O balanço quente de um CENTENÁRIO

Há 100 anos o mais brasileiro de todos os estilos musicais foi criado.

O que um dia começou "pelo telefone", hoje virou parte do Patrimônio Cultural Mundial da Unesco e ganhou admiradores em todo o mundo

'sambas...)', foi assim que escreveu o musicólogo Carlos Sandroni. Nelas, teriam formado um círculo, a chamada "roda", em cujo meio uma pessoa começava a dançar, acompanhada de palmas e instrumentos de ritmo, e que em seguida escolhia um parceiro do outro sexo, para dançar junto a ela. "Esta escolha se deu pela 'umbigada', que quer dizer um toque, na maioria das vezes só simulada, dos umbigos dos dois dançarinos. Suspeita-se que este tipo de toque é chamado de 'semba' em uma das muitas línguas Bantu, do qual mais tarde possa ter surgido o nome de 'samba'."

O que possivelmente teve a sua origem em cerimônias de casamento da Angola, chegou então, via a Bahia, nas casas de baianas como a Tia Ciata no Rio, fazendo nascer, em suas rodas de samba, também o primeiro samba "Pelo telefone". Foi como um fogo de palha que se espalhou em seguida este estilo musical, que veio da periferia e das favelas e alcançou o centro da capital. Por fim, também conquistou a alta socieda-

de que até então só tinha seguido a tradição musical européia, dançando ao som de mazurkas ou valsas. Por este ângulo, o sucesso de "Pelo telefone" deu uma contribuição significativa para a aceitação da cultura africana no Brasil. Ao mesmo tempo, os sambistas, antes vistos com olhares suspeitos pelas autoridades e por muitas vezes tratados como ladrões de galinha, conseguiram se integrar à vida da população branca.

Foi assim que o samba, tendo se expandido em todo o país, juntou todo o

povo brasileiro, fato que, por outro lado, possibilitou ao ditador Getúlio Vargas, nos anos de 1930, de se aproveitar do seu sucesso para o seu "Estado Novo". Para isso, compositores como Ismael Silva, acompanhado por um grupo de jovens boêmios, precisavam desenvolver o samba. Com ritmos eletrizantes e com um tambor grande, o chamado "surdo", entre outros instrumentos de percussão, o elevaram ao urbano "Samba Carioca", o samba do Rio de Janeiro, no qual a chamada "batucada" dos percussionistas figura em primeiro plano.

Esta "batucada" também fez parte do primeiro grupo carnavalesco, o "Deixa Falar", e logo em seguida, grandes escolas de samba ainda hoje existentes, como a Mangueira ou a Portela, se apossaram desse estilo e, com a ajuda do rádio e da indústria fonográfica, iniciaram a "Era Dourada" do samba, que tomou conta do Brasil nos anos de 1930. A ela se ligam nomes de músicos carismáticos como Zequinha de Abreu e, antes de tu-

do, Ary Barroso, que compôs, em 1939, a sua "Aquarela do Brasil", a música brasileira mais tocada no mundo, perdendo apenas para a "Garota de Ipanema", duas décadas mais tarde. Uma das responsáveis para o sucesso de "Aquarela" foi Carmen Miranda, uma pequena cantora e dançarina do Rio, que conquistou o mundo com os seus olhos atraentes rolando, o seu gingado provocante, incontáveis penas e plumas em volta ao pescoço e um turbante com um look exótico de "tutti-frutti". Com este estilo, ela foi contratada, nos anos de 1950, como a estrela mais bem paga de Hollywood daquela época, para atuar em muitos filmes musicais latinos.

Hoje o samba está presente em vários estilos musicais que se desenvolveram ao longo de sua história centenária desde as primeiras músicas. Na música rock, ele também teve a sua participação: em 1970, Carlos Santana conseguiu um sucesso internacional com o seu "Samba Pa Ti". Esta gravação instrumental envolvente foi, durante muitos anos, música obrigatória em toda festa que se prezava. Parece não haver fronteiras no desenvolvimento deste estilo musical e há muito tempo o mundo inteiro o conhece. Assim não é de se estranhar que ele foi integrado, pela UNESCO, no Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Mesmo sendo tão universal, no entanto, sua gênese é tipicamente brasileira, porque, como escreveu o musicólogo brasileiro Ricardo Cravo Albin: "A capacidade notável dos brasileiros de absorver as influências de diferentes culturas e de conectá-las umas às outras, é, na minha opinião, a contribuição mais importante do Brasil para a história cultural dos últimos séculos."

HOJE O SAMBA FAZ PARTE DOS MAIS DIVERSOS ESTILOS MÚSICAIS, INCLUSIVE DO ROCK

ANZEIGE

Nós acreditamos no Brasil! Mais do que nunca.

Mais do que nunca a Volkswagen Truck & Bus está convencida do futuro do País e dos brasileiros. Nós estamos ampliando nossa parceria com o Brasil continuamente e participamos com satisfação do Encontro Econômico Brasil-Alemanha 2017 em Porto Alegre!

VOLKSWAGEN
TRUCK & BUS